



PERSPECTIVA CRÍTICO-LIBERTADORA DA EDUCAÇÃO FÍSICA: LER O MUNDO A PARTIR DE DIFERENTES LINGUAGENS

A CRITICAL-LIBERATING PERSPECTIVE ON PHYSICAL EDUCATION: READING THE WORLD THROUGH DIFFERENT LANGUAGES

UNA PERSPECTIVA CRÍTICO-LIBERADORA SOBRE LA EDUCACIÓN FÍSICA: LEYENDO EL MUNDO A TRAVÉS DE DIFERENTES LENGUAJES

Daniel Teixeira Maldonado

Resumo

Esse ensaio foi produzido com o objetivo de analisar como que a perspectiva crítico-libertadora da Educação Física dialoga com o campo das linguagens no processo de organização da prática político-pedagógica. Após analisar a produção acadêmica sobre o tema, evidencia-se que linguagem e realidade se prendem dinamicamente, assim, a tematização e a problematização das práticas corporais em uma educação libertadora potencializam a leitura crítica do mundo sobre as danças, as ginásticas, as lutas, as brincadeiras, os jogos e os esportes a partir de diferentes produções e formas de comunicação humanas, valorizando as linguagens contra hegemônicas e de resistência construídas coletivamente pelos grupos oprimidos, evidenciando uma pedagogia sistematizada com as camadas populares para transformar a realidade. Nesse cenário, as aulas de Educação Física podem se tornar um espaço potente para desvelar saberes marginalizados envolvendo as manifestações da cultura corporal, valorizando as marcas do corpo oprimido, que é corpo consciente.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Linguagem; Leitura de Mundo; Corpo Consciente.

Abstract

This essay was produced with the objective of analysing how the critical-liberating perspective of Physical Education dialogues with the field of languages in the process of organizing political-pedagogical practice. After analysing the academic production on the subject, it becomes evident that language and reality are dynamically intertwined; thus, the thematization and problematization of bodily practices in a liberating education enhance the critical reading of the world regarding dances, gymnastics, fights, games, and sports from different productions and forms of human communication, valuing counter-hegemonic and resistance languages collectively constructed by oppressed groups, highlighting a systematized pedagogy with the popular classes to transform reality. In this scenario, Physical Education classes can become a powerful space to unveil marginalized knowledge involving the manifestations of body culture, valuing the marks of the oppressed body, which is a conscious body.

Keywords: School Physical Education; Language; Reading the World; Body Conscious.

Resumen

Este ensayo se elaboró con el objetivo de analizar cómo la perspectiva crítico-liberadora de la Educación Física dialoga con el campo de los lenguajes en el proceso de organización de la práctica político-pedagógica. El lenguaje y la realidad se entrelazan dinámicamente; así, la tematización y problematización de las prácticas corporales en una educación liberadora potencia la lectura crítica del mundo en relación con las danzas, la gimnasia, las luchas, los juegos y los deportes desde diferentes producciones y formas de comunicación humana, valorando los lenguajes contrahegemónicos y de resistencia construidos colectivamente por los grupos oprimidos, destacando una pedagogía sistematizada con las clases populares para transformar la realidad. En este escenario, las clases de Educación Física pueden convertirse en un espacio poderoso para revelar conocimientos marginalizados que involucran las manifestaciones de la cultura corporal, valorando las marcas del cuerpo oprimido, que es un cuerpo consciente.

Palabras clave: Educación Física Escolar; Lenguaje; Leer el Mundo; Cuerpo Consciente.





INTRODUÇÃO

Após o tenebroso período da ditadura cívico-militar no Brasil, diversas propostas de educação democrática foram sistematizadas em redes municipais e estaduais, como a escola cidadã em Porto Alegre (Benvenuti; Paulo, 2024), a educação plural em Belo Horizonte (Valadares, 2016), os centros integrados de educação pública no Rio de Janeiro (Moll; Silva; Agliardi, 2024) e a educação pública popular em São Paulo (Freire, 2019), com o secretariado de Paulo Freire. Entretanto, na década de 1990, políticas educativas neoliberais ganham força no território brasileiro, principalmente com a perspectiva de formação pautada no capital humano (Frigotto; Ciavatta, 2003).

Mesmo com a eleição de governos populares no âmbito federal entre 2002 e 2014, ideias liberais continuaram avançando no cenário educacional, mas com menor intensidade. Essa realidade se altera após o golpe jurídico, midiático e parlamentar contra o Partido dos Trabalhadores, que elevou ao poder um governo sem legitimidade, mas com ânsia de reformar o estado em todas as frentes no ano de 2016. Sendo assim, o projeto educacional do país entra em uma nova onda de preceitos neoliberais/conservadores, mantendo, segundo Saviani (2018, p. 23), “as vicissitudes da histórica resistência de nossas elites dirigentes em manter a educação pública, destinando recurso em quantidade sempre insuficiente”, situação que é aprofundada pela gestão federal bolsonarista entre 2019 e 2022, dificultando qualquer possibilidade de rememorar as propostas educativas democráticas sistematizadas em diferentes territórios após a redemocratização.

Gadotti (2023) defende que o modelo gerencial de educação neoliberal torna os(as) educadores(as) meros(as) transmissores(as) de informações nas suas aulas, inviabilizando a análise sobre os fins educacionais. Essa organização escolar acaba defendendo um conceito de qualidade educativa medida por testes sistematizados a partir de avaliações externas municipais, estaduais, federais e internacionais, padronizando o currículo, que é planejado para que os(as) educandos(as) adquiram habilidades e competências que são cobradas no mercado de trabalho contemporâneo. Nesse cenário, pretende-se formar um sujeito para ser empreendedor de si mesmo, com uma atitude fatalista perante as desigualdades e conservador quando se prospecta mudanças sociais e econômicas.

Goulart (2023) ressalta que colocar todo o sistema educativo com o foco em ensinar competências para que as novas gerações possam competir por empregos cada vez mais precários subordina a educação a uma lógica econômica, produzindo políticas que centralizam e padronizam a estrutura curricular, além de focar nas avaliações externas, marginalizando a diversidade de demandas





dos(as) educandos(as) e educadores(as), o financiamento público educacional, as condições físicas das escolas e o contexto sociocultural das pessoas que fazem parte da comunidade escolar. Cássio (2023, p. 83) complementa essa análise afirmando que

o problema é que as avaliações em larga escala são limitadas na sua capacidade de revelar problemas do cotidiano escolar. Em geral, as avaliações informam apenas sobre o desempenho dos estudantes, os índices de evasão e repetência escolares e mais algumas poucas informações contextuais sobre as escolas. Esses indicadores dizem pouco sobre a eficácia do ensino, sobre a didática dos professores ou sobre os muitos problemas escolares que poderiam afetar os resultados dos estudantes nas avaliações.

Como não podia ser diferente, essa realidade se reflete na Educação Física Escolar. Novaes *et al.* (2021) ressaltam que vivemos um esvaziamento relacionado ao debate sobre a função social da Educação Física na escola em favor de um instrumentalismo didático-pedagógico evidenciado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os manuais para docentes produzidos no Plano Nacional do Livro Didático (PNLD).

Por conta dessa conjuntura, Bossle (2019) disserta sobre a atualidade e relevância do pensamento freireano em tempos de educação empresarial. Para o autor, a Educação Física crítico-libertadora pode potencializar uma práxis da criticidade, por meio da problematização da realidade, a partir dos temas geradores que fazem sentido e significado para os grupos oprimidos, ampliando a leitura de mundo dos(as) educandos(as) sobre a cultura corporal. Sendo assim, Maldonado e Prodócimo (2022) defendem uma epistemologia libertadora nas aulas do componente, possibilitando um diálogo entre os conceitos freireanos de levantamento do universo temático, valorização dos saberes dos(as) educandos(as), busca de situações-limites, problematização, diálogo, conscientização, ação e reflexão, práxis, educação como ato político, entre outros, com a prática político-pedagógica dos(as) docentes de Educação Física Escolar.

Nogueira *et al.* (2021) destacam que o trabalho intelectual de Paulo Freire já tinha influenciado produções acadêmicas da área, como a obra de Medina (1983) para discutir a pretensa relação causa-efeito entre os níveis de atividade física e o aumento da qualidade de vida, ainda na década de 1980, colocando a Educação Física em crise, as reflexões de Kunz (1994) sobre invasão cultural dos esportes hegemônicos dos países colonizadores nas aulas da disciplina na escola, a concepção de aulas abertas defendidas por Hildebrandt-Stramann (2001) e as reflexões evidenciadas por Françoso e Neira (2014) sobre a educação problematizadora, conscientização e práticas corporais. Todavia, Nogueira, Maldonado e Freire (2023), a partir de uma pesquisa-participante realizada pela primeira autora em sua





tese de doutorado, que começam a construir, em diálogo com educadores(as) que atuam na Educação Básica, princípios epistemológicos, políticos e pedagógicos da Educação Física Escolar crítico-libertadora.

Na perspectiva de Nogueira, Maldonado e Freire (2023), as aulas do componente inspiradas nos preceitos freireanos precisam ser espaços de tematização e problematização das manifestações da cultura corporal nos projetos educativos sistematizados pelos(as) docentes da área, na perspectiva de ampliar a consciência crítica dos(as) educandos(as), com atividades de ensino dialógicas, que levem em consideração a realidade dos sujeitos e suas visões de mundo, potencializando o desvelamento da realidade. Esse processo educacional possibilita a construção coletiva de resistências ao modelo de educação neoliberal/conservadora/empresarial destacada anteriormente. Portanto, se os seres humanos não podem ler a palavra sem fazer a leitura de mundo (Freire; Macedo, 2011), a mesma lógica se aplica com as danças, as lutas, as ginásticas, os esportes, os jogos e as brincadeiras.

Sabe-se que a Educação Física como componente curricular da Educação Básica faz parte da área de linguagens no aparato curricular brasileiro, e uma série de análises já foram realizadas sobre o tema levando em consideração outras perspectivas epistemológicas da área (Almeida, 2021; Betti, 2021; Neira; Nunes, 2021), todavia, ainda existe uma lacuna na literatura de como sistematizar a Educação Física Escolar crítico-libertadora a partir da relação entre práticas corporais-mundo e linguagem. À vista disso, esse ensaio foi produzido com o objetivo de analisar como que a perspectiva crítico-libertadora da Educação Física dialoga com o campo das linguagens no processo de organização da prática político-pedagógica.

CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM NA EDUCAÇÃO FÍSICA CRÍTICO-LIBERTADORA

Com a intencionalidade de romper o ranço biológico que acompanhou a história da Educação Física nas diferentes etapas da Educação Básica, documentos curriculares oficiais publicados na década de 1990, como os Parâmetros Curriculares Nacionais, alocaram o componente curricular na área de Códigos, Linguagens e suas Tecnologias, orientando o trabalho pedagógico docente nas redes de ensino espalhadas por todo o território brasileiro. Farias *et al.* (2020) destacam que essa realidade mudou a função social da Educação Física Escolar, que se distanciou das bases epistemológicas das Ciências da Natureza e, por consequência, aproximou-se das premissas defendidas pelas Ciências Humanas. Apesar de todas as críticas existentes por conta do seu viés neoliberal, a BNCC, publicada em tempos contemporâneos, não alterou essa estrutura (Coelho; Maldonado; Bossle, 2024; Neira, 2018).





Cabe destacar que muito antes desse momento histórico, a perspectiva crítico-superadora da área já destacava a importância do componente para que as novas gerações reconhecessem a produção de conhecimento da humanidade sobre os jogos, brincadeiras, esportes, ginásticas, lutas e danças, exteriorizadas pela expressão corporal. Da mesma maneira, mas com outros referenciais, o currículo cultural da Educação Física defende que o corpo e todos os textos da cultura que nele se manifestam são utilizados durante o processo de comunicação. Nessa lógica, os gestos são considerados textos do corpo, produzindo formas de se comunicar com o mundo a partir da linguagem corporal. Sendo assim, os(as) educandos(as) podem interpretar a gestualidade humana, atribuindo diferentes sentidos e significados para as práticas corporais (Farias *et al.*, 2020).

A teoria crítico-libertadora da Educação Física também apresenta premissas educativas no campo das linguagens, mas reposiciona, a partir do pensamento freireano, as bases epistêmicas que mobilizam esse debate. Farias, Maldonado e Rodrigues (2021) mencionam que em uma educação crítica e dialógica, os(as) estudantes, a partir das suas leituras de mundo, podem ser convidados(as) a ler as práticas da cultura corporal levando em consideração todos os sentidos, significados e artefatos culturais que carregam a sua gestualidade, reconhecendo a ecologia de saberes que se interrelacionam em todas as experiências educativas.

Nesse quadro, a prática político-pedagógica dos(as) docentes de Educação Física Escolar pode instigar que os(as) educandos(as), da Educação Infantil ao Ensino Médio, realizem leituras críticas do mundo sobre as práticas corporais, interpretando, escrevendo, reescrevendo e potencializando novos sentidos para essas manifestações culturais. Outro aspecto importante seria levar em consideração as experiências existenciais dos grupos oprimidos, no qual, após o processo educativo, codificam e recodificam a realidade, a partir de diferentes saberes e olhares (Farias; Maldonado; Rodrigues, 2021).

Nas palavras de Farias, Maldonado e Rodrigues (2021, p. 9), a Educação Física deixa de ser

um componente curricular que visa ao desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e afetivas das crianças, para se tornar uma área que contribui com uma leitura de mundo mais densa da realidade sobre os saberes que envolvem as danças, lutas, ginásticas, esportes, jogos, brincadeiras e da relação das crianças com o seu corpo. Além disso, ao ler o mundo dessa forma, professores/as e alunos/as precisam problematizar a vida das pessoas que são oprimidas, valorizando as suas produções culturais, saberes e a relação que possuem com as manifestações da cultura corporal.

Maldonado e Rodrigues (2021) destacam que a leitura crítica do mundo sobre as práticas corporais acontece quando os(as) educandos(as) vivenciam essas manifestações culturais reconhecendo que são produções humanas que comunicam a cultura de um determinado período histórico, mas também





analisando os seus aspectos sócio-político-econômicos. Assim, na interpretação dos autores, reconhecer a Educação Física no campo das linguagens possibilita que os(as) educadores(as) elaborarem experiências didático-pedagógicas no qual os(as) estudantes interpretem de forma crítica a gestualidade do futebol, das danças afro-brasileiras ou dos jogos de matriz indígena, por exemplo, levando em consideração a produção de saberes que materializa o modo de vida dos grupos oprimidos e marginalizados. Sendo assim,

ler os gestos das práticas corporais reconhecendo que o movimento é carregado de cultura e intencionalidade nos leva a pensar que a gestualidade humana, assim como as palavras, é conjunto de símbolos que possibilitam a compreensão da realidade (Maldonado; Rodrigues, 2021, p. 85).

Mas a pergunta que fica é qual realidade? Sarti *et al.* (2024) refletem sobre os verdadeiros momentos que os(as) estudantes podem expressar-se nas aulas de Educação Física, sistematizando pronúncias do mundo, principalmente por conta da estrutura antidialógica, bancária, silenciadora e opressora do sistema educativo neoliberal. Nessa conjuntura, os autores e as autoras fazem as seguintes indagações. Quem pronuncia-se nas atividades de ensino sistematizadas no componente curricular? Seriam apenas os homens mais altos, fortes e habilidosos? E os saberes das mulheres, dos(as) negros(as), das crianças e jovens menos habilidosos(as) no aspecto motor, com outras estruturas corporais, da população LGBTQIAPN+? Será que o chão da escola só tem possibilitado as pronúncias de mundo dominantes, produzindo o silenciamento dos grupos oprimidos?

A linguagem corporal evidenciada na Educação Física crítico-libertadora precisa reconhecer a vocação ontológica do ser humano para ser-mais, fundamentando a prática político-pedagógica em diálogo com os corpos conscientes dos grupos oprimidos, que são, inevitavelmente, pronunciantes de dores, alegrias, saberes, resistências e transgressões. Para Freire (1996), quando as pessoas entendem o seu processo de inacabamento e lutam pela humanização, passa a existir esperança da construção coletiva de outro mundo, menos injusto, e o processo educacional possui como premissa humanizar os sujeitos, potencializando o ser-mais de cada educando(a).

Bossle (2021; 2023), ao sistematizar a produção de uma teoria pedagógica crítico-libertadora da Educação Física Escolar, reconhece que o corpo do oprimido é corpo consciente, principalmente porque os saberes das mulheres, das pessoas com deficiência, transexuais, idosos, pobres, possuem um lugar desqualificado na sociedade. Todavia, a história não é mutável, mas um tempo de possibilidades e, nesse contexto, as aulas de Educação Física podem ser um potente espaço para sistematizar análises densas sobre os temas da cultura corporal (Bossle, 2020), evidenciando linguagens marginalizadas e periféricas, que são desqualificadas na estrutura capitalista.





Os saberes de resistência produzidos pelos grupos oprimidos sobre as práticas corporais são relevantes para combater as injustiças sociais existentes no contexto neoliberal, pois potencializam a leitura crítica do mundo dos(as) estudantes. Todavia, na maioria das vezes, esses conhecimentos não são colocados em evidência pela mídia tradicional ou a produção científica hegemônica. Com a intencionalidade de materializar esse pensamento, docentes de Educação Física Escolar podem problematizar em suas aulas uma ecologia de saberes revolucionários e transformadores no cotidiano da escola, construindo coletivamente a conscientização (Maldonado; Farias; Nogueira, 2021a).

Maldonado, Farias e Nogueira (2021a, p. 6) afirmam que

independente do tema que será problematizado nas aulas de educação física escolar, defendemos que os projetos de ensino organizados pelos docentes do componente curricular possam possibilitar a leitura de mundo, a conscientização e a politização dos estudantes sobre os saberes de resistência construídos historicamente sobre as práticas corporais e a relação dos jovens com o seu corpo, colocando em evidência conhecimentos marginalizados pela sociedade capitalista, principalmente aqueles relacionados com os marcadores sociais de gênero, classe, raça, geração, religião e saúde que atravessam a sociedade contemporânea, debatendo sempre sobre as relações de poder que constituem as identidades desses grupos no bojo da sociedade neoliberal que vivemos, na perspectiva de construir uma sociedade culturalmente plural e consciente das opressões ocasionadas por um sistema sociopolítico que necessita manter as desigualdades entre os seres humanos para continuar existindo.

À vista do que foi apontado, entende-se que toda e qualquer linguagem de resistência, ao problematizar temas que envolvam as práticas corporais, são potentes instrumentos de problematização da realidade no contexto da Educação Física na Educação Básica. Esse tipo de tematização pode tocar em assuntos de extrema relevância para a superação de desigualdades, como a sexualização e liberdade do corpo feminino, a desumanização a que foi submetida a população negra no que concerne as manifestações da cultura corporal afro-brasileiras, o silenciamento do direito ao lazer e a saúde da classe trabalhadora, a elitização e mercadorização das práticas corporais, tanto na perspectiva dos(as) expectadores(as) (valores cobrados para assistir um jogo de futebol) como na vivências da gestualidade humana (custos para realizar diversas manifestações gímnicas, sejam elas de condicionamento físico ou conscientização corporal), estrutura dos espaços públicos e privados para receber pessoas com deficiência que gostariam de participar de atividades corporais, visando a melhoria da qualidade de vida, dentre tantas outras situações cotidianas que são apagadas nos currículos escolares.

Nesse cenário, defende-se que a linguagem corporal entra em diálogo com outras formas de comunicação da humanidade, como a leitura de palavras e o debate de ideias, potencializando verbo e gesto como códigos complementares. Todavia, em uma perspectiva libertadora, fundamentada no





pensamento freireano, esse processo só faz sentido quando a intencionalidade educativa é ampliar a leitura de mundo, reconhecer os saberes existenciais e construir processos coletivos de conscientização dos grupos oprimidos e marginalizados (Freire, 2020).

ORGANIZAÇÃO POLÍTICO-PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA LIBERTADORA: LINGUAGENS, LEITURA DE MUNDO E CONSCIENTIZAÇÃO

As diferentes experiências pedagógicas da Educação Física estão vinculadas com o contexto social e cultural de docente e estudantes, que são condicionados pelo momento histórico que vivem, sendo essa realidade constituída por situações-limites. Para Freire (2017), este conceito está relacionado com as contradições vividas pelos seres humanos, fazendo com que eles(as) aceitem o seu cotidiano de forma fatalista, submetendo-se aos acontecimentos e, por consequência, não enfrentando nem buscando respostas aos obstáculos que impedem o processo de conscientização.

Levando em consideração essas reflexões, as manifestações da cultura corporal não podem ser tematizadas de forma mecânica, mas com uma didática problematizadora, por meio do diálogo, ampliando a visão crítica do mundo de todos(as) envolvidos(as) no projeto educativo. Portanto, o(a) professor(a) de Educação Física precisa, ao compreender o componente curricular na área de linguagens em uma perspectiva crítico-libertadora, desvelar as verdades ocultas existentes no seio das práticas corporais com os(as) educandos(as), construindo possibilidades para que eles(as) sintam, percebam, interpretem e compreendam a relação existente entre linguagem e cultura evidenciada nas danças, lutas, ginásticas, brincadeiras e nos esportes e jogos, indo muito além do ensino de um determinado gesto técnico ou regra durante o processo educativo (Prodócimo; Spolaor; Leitão, 2021).

Maldonado, Farias e Nogueira (2021b), a partir do pensamento freireano, defendem que as aulas de Educação Física Escolar necessitam evidenciar uma diversidade de saberes produzidos pelos grupos oprimidos sobre as práticas corporais, pois os conhecimentos são construções humanas de uma determinada época e, por conta de questões políticas, muitos pensamentos e expressões culturais acabam sendo marginalizadas pela escola no atual estágio do sistema capitalista.

Nesse cenário, ao iniciar a prática político-pedagógica e mapear os temas geradores com os(as) estudantes, o(a) educador(a) deve estar atento as vivências de danças, lutas, esportes, ginásticas, jogos e brincadeiras experienciadas nos mais diferentes espaços existentes nas comunidades. Ao levar essas questões em consideração, temas como o futebol feminino, a capoeira, o hip hop, o samba, o





maculelê, o frevo, o jongo, dentre outras manifestações da cultura corporal afro-brasileiras, indígenas, femininas, das camadas com menor poder socioeconômico, começam a ganhar evidência no território e, conseqüentemente, no currículo (Maldonado; Farias; Nogueira, 2021b).

Na perspectiva de construir um pensamento crítico com os(as) educandos(as), saberes de resistência começam a ser evidenciados nas aulas, levando em consideração diversificadas linguagens humanas. Assim, a vivência de um gesto da capoeira por conta do toque estimulado pelo berimbau ou do jongo pela batida do tambor são experimentações relevantes para compreender as formas de comunicação da população negra que foi escravizada e hoje utiliza essas formas de comunicação para que essa história de opressão seja lembrada e não se repita. A Educação Física crítico-libertadora ainda permite problematizar o racismo no esporte após a leitura de reportagens jornalísticas, o sexismo existente nas danças com a apreciação de um documentário, a discriminação sofrida pelo público LGBTQIAPN+ nas ginásticas após a leitura de poemas, poesias e *slams*, a valorização dos(as) atletas deficientes convidando um(a) deles(as) para um bate-papo com a turma, dentre tantas outras possibilidades de problematizações na perspectiva de construir uma leitura crítica do mundo sobre os temas da cultura corporal.

A vista do que foi apontando, Maldonado, Farias e Nogueira (2021b, p. 225) entendem que

as diferentes experiências humanas precisam ser consideradas como elementos construtores de conhecimento. Logo, as práticas corporais podem ser relidas, transformadas, regestualizadas por meio da leitura de mundo. Um gesto de ginástica pode ser experimentado com outros tipos de movimentos, ao passo que ênfase dada ao treinamento precoce de atletas pode ser problematizada. As equipes de futebol, antes divididas por gênero, podem ser questionadas desde o jogo na escola até a participação feminina nos grandes campeonatos. As práticas corporais realizadas no mar podem ganhar novos significados em diferentes regiões do Brasil. A ginga da capoeira pode ser lida como dança do povo negro que luta por sua libertação, até os dias atuais.

Prodócimo, Spolaor e Leitão (2022) contribuem com essas reflexões ao indagar por qual motivo foi instituído que algumas danças são feitas exclusivamente por mulheres, o futebol só pode ser realizado por homens com uma determinada característica de masculinidade, o corpo ideal é o magro, o que importa é vencer uma competição esportiva, independente da forma, e as manifestações de origem africana são do "mal".

Por conseguinte, ao analisar com os(as) educandos(as) as ideologias que acompanham esses discursos, torna-se possível desvelar uma realidade oculta, que possui uma multiplicidade de representações culturais e está carregada de emoções, afetos e experiências de vida, ampliando a leitura de mundo e construindo, de forma coletiva, processos de conscientização. Nesse contexto, destaca-se que as escolhas das práticas corporais tematizadas e problematizadas nas aulas de Educação Física são um ato





político. Ou seja, o levantamento dos temas que serão vivenciados e analisados nas atividades de ensino precisam levar em consideração as experiências dos(as) educandos(as), valorizando as suas singularidades e impedindo um processo de invasão cultural, no qual apenas os esportes hegemônicos realizados em países colonizadores são valorizados (Prodócimo, Spolaor, Leitão, 2022).

Esse processo educativo faz com que educador(a) e educandos(as) reconheçam as situações-limites do momento histórico em que vivem, criando caminhos de superação desses condicionantes, por meio da problematização. Nesse cenário, ao aprofundar a investigação e vivências sobre as temáticas envolvendo as práticas corporais, os(as) estudantes questionam, desvelam e aprofundam a sua leitura crítica de mundo, agindo com seu corpo consciente para a transformação da realidade. A linguagem que perpassa todas essas experiências permite a observação da dialética existente na organização social do sistema capitalista, possibilitando que todos e todas percebam a favor de quem a educação, naquele contexto, está sendo construída (Prodócimo, Spolaor, Leitão, 2022).

Jucá e Maldonado (2024) alertam que os marcadores socioculturais de raça, gênero e desigualdades socioeconômicas que atravessam as práticas corporais requerem de problematizações que envolvam a suas intersecções durante as aulas de Educação Física, pois para romper com o sistema opressor e construir tomadas de consciência coletivas com os(as) educandos(as), se torna essencial compreender que as desigualdades existentes na conjuntura neoliberal não podem ser analisadas de forma individual e acrítica, pois estão sempre imbricadas e relacionadas. Para exemplificar, uma bailarina transexual e pobre ou uma atleta de futebol com menor poder aquisitivo, homossexual e negra terão maiores dificuldades nas vivências dessas manifestações culturais por conta das marcas sociais que carregam no corpo.

Essas explicações levam a pensar que a Educação Física crítico-libertadora é politizada e as reflexões realizadas em aula demandam dos(as) educadores(as) reconhecerem os saberes dos grupos oprimidos (Maldonado, 2024a) e a experiência existencial do seu corpo consciente (Bossle, 2023). Prodócimo (2022), inspirada na produção freireana, é enfática ao afirmar que não existe neutralidade no processo educativo, pois a prática político-pedagógica pode visar a manutenção das desigualdades sociais ou buscar problematizações que visam transformar a realidade material opressora.

Nesse ponto, ao dialogar com Prodócimo (2022), destaca-se que uma educação bancária, no qual educandos(as) só escutam os conhecimentos transmitidos pelos(as) professores(as) de Educação Física Escolar, acaba por estimular a formação de sujeitos submissos, ajustados e adaptados a estrutura





societária. Todavia, uma prática educativa libertadora compreende que a escola possui como função social formar educandos(as) críticos(as) e conscientes que a realidade pode ser alterada, pois a história não é imutável, possibilitando pequenos avanços para o direito dos grupos oprimidos em diversos momentos da sociedade. Destarte, ao planejar as atividades de ensino, educadores(as) necessitam perguntar-se que tipo de pessoas as linguagens sobre as práticas corporais utilizadas nas suas aulas estão sendo formadas? Para atuar em qual sociedade? Com um pensamento ingênuo ou politizado sobre as manifestações da cultura corporal?

A conscientização implica que os seres humanos ultrapassem a esfera espontânea da apreensão da realidade, construindo uma visão crítica e assumindo uma posição epistemológica. Sendo assim, quanto mais se conscientiza, o(a) educando(a) amplia a possibilidade de desvelar todas as opressões que influenciam o contexto em que vive, analisando os fenômenos sociais com criticidade e se sentindo sujeito da própria história que faz e refaz o mundo (Freire, 1980). Portanto, as linguagens humanas de resistência produzidas pelos grupos oprimidos, potencializadas no seio de um projeto educativo dialógico, problematizador e crítico, podem ampliar a leitura de mundo dos(as) educandos(as) sobre as práticas corporais nas aulas de Educação Física Escolar, possibilitando que eles(as) reconheçam outras formas de organização social e maneiras de ler os gestos de danças, lutas, esportes, ginásticas, jogos e brincadeiras, assim como os processos de comunicação que essas linguagens corporais produzem na estrutura opressora capitalista.

EDUCAÇÃO FÍSICA LIBERTADORA NO COTIDIANO ESCOLAR: LINGUAGENS CONTRA HEGEMÔNICAS E LEITURA CRÍTICA DO MUNDO

Como mencionado anteriormente, a perspectiva crítico-libertadora da Educação Física Escolar está sendo construída de forma coletiva e recente na literatura. Mesmo com diferentes compressões sobre a constituição dessa teoria pedagógica, é consenso entre os(as) estudiosos(as) do tema que a materialização de projetos educativos no cotidiano da escola nas aulas do componente curricular se organiza com experiências contra hegemônicas de tematizar e problematizar as práticas corporais e o corpo consciente (Bossle, 2023; Correia; Oliveira; Borges, 2025; Furtado, 2023; Monteiro, 2020; Maldonado, 2024; Nogueira, 2021).

Freire (1989) disserta que embora o sistema educativo sempre reproduza a ideologia dominante da sociedade, as contradições que caracterizam a estrutura social também estão presentes nas





instituições escolares, possibilitando espaços e brechas para sistematização de práticas político-pedagógicas críticas, que rompam com o modelo de educação bancária ainda presente na política educacional brasileira.

Dentre essas transgressões, destacamos que muitos(as) professores(as) de Educação Física tem se inspirado na proposta de educação libertadora para construir projetos educativos no ambiente escolar. Nesse contexto, os marcadores socioculturais de gênero, raça, classe social, religião, lazer e deficiência que atravessam as manifestações da cultura corporal são tematizados e problematizados nas aulas, provocando tomadas de consciência nos(as) educandos(as) sobre essas problemáticas. Além disso, as experimentações das danças, das ginásticas, das brincadeiras, dos jogos, das lutas e dos esportes nas atividades de ensino ocorrem sempre na perspectiva de potencializar a formação politizada dos(as) estudantes, evidenciando a ideia que a leitura crítica das práticas corporais ocorre em diálogo com a análise densa do mundo. Enfim, manifestações da cultura corporal marginalizadas são evidenciadas nas aulas de acordo com os pontos destacados pelo grupo na investigação temática e produção de temas geradores, viabilizando a construção coletiva de inéditos-viáveis no qual superem as situações-limites que professor(a) e estudantes se encontram naquele determinado momento do projeto educativo.

Silva e Maldonado (2024) analisam uma experiência nas aulas de Educação Física com educandos(as) da Educação Infantil em que foi possível problematizar as relações de gênero existentes nas brincadeiras e produzir um evento cultural com danças brasileiras a partir das experimentações realizadas, tornando as crianças, mesmo em tenra idade, participantes de toda a proposta educativa de forma horizontalizada e dialógica. Na mesma perspectiva, Farias *et al.* (2021) descrevem como um docente do componente tematizou e problematizou as brincadeiras indígenas com as crianças da primeira etapa da Educação Básica, desvelando a realidade e valorizando os saberes produzidos pelos povos originários.

Já nos anos iniciais do Ensino Fundamental, Moreira, Siqueira e Marques (2022) organizaram uma prática político-pedagógica envolvendo todas as linguagens do hip hop na Educação Física Escolar. Ao realizar o levantamento do universo temático e produzir os temas geradores, o docente da turma percebeu que um grupo de estudantes, moradores(as) de um bairro periférico próximo da escola, experienciava cotidianamente essa manifestação da cultura corporal, mas essas experimentações não eram valorizadas pela escola. Nesse cenário, as atividades de ensino da Educação Física vão se tornando um espaço no qual os(as) excluídos(as) podem gritar, ampliando a leitura de mundo dos(as) educandos(as) sobre as práticas corporais da cultura negra.





No mesmo ciclo de escolarização, Ramos *et al.* (2023) descreveram uma experiência educativa com a tematização das lutas afro-brasileiras e indígenas durante as aulas de Educação Física, potencializando vivências dos gestos e a problematização de diferentes aspectos históricos e sociais dessas manifestações culturais com os(as) educandos(as). Com a finalização do projeto, as autoras e os autores apontaram que os(as) estudantes podem se tornar produtores de cultura, com potencial de desenvolver e expressar as suas próprias leituras de mundo.

A tematização dos esportes foi evidenciada por Silva (2025), Silva, Moraes e Maldonado (2025) e Maldonado (2025a), tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio. Ao analisar as atividades de ensino desses projetos educacionais, os autores problematizaram com os(as) estudantes que as práticas esportivas realizadas no nível profissional não são para a maioria da população, pois exigem um desempenho atlético que poucas pessoas conseguem alcançar. Assim, as vivências nas aulas foram se tornando mais inclusivas, estimulando a realização de modalidades alternativas, para pessoas com deficiência, que estimulasse a participação de equipes mistas e promovesse outras sensações para os(as) educandos, como nos esportes radicais. Debates sobre as questões estruturais para vivências esportivas em áreas periféricas e situações de machismo, racismo, homofobia e demais formas de preconceitos que atravessam essas manifestações da cultura corporal também foram realizados durante as aulas de Educação Física Escolar, mostrando que essas situações-limites marcam os(as) estudantes em diferentes contextos.

Os marcadores socioculturais de gênero, classe social, raça, lazer, saúde e religião que atravessam os jogos e as brincadeiras, as ginásticas e as danças foram problematizados em experiências político-pedagógicas produzidas nas aulas de Educação Física no Ensino Médio integrado a educação profissional publicizadas por Maldonado *et al.* (2021) e Maldonado (2023; 2024b; 2025b). Com a intencionalidade de ampliar a leitura de mundo dos(as) jovens, o autor organizou com os(as) educandos(as) situações em que eles(as) reconhecessem os conhecimentos invisibilizados no cotidiano escolar, como aqueles sistematizados no samba de roda do recôncavo baiano, na resistência pela libertação do povo negro durante a gestualidade do maculelê, na luta das mulheres para serem reconhecidas em coreografias de ginástica para todos, nas práticas corporais sistematizados pelos povos originários e afro-brasileiros, que valorizam a coletividade, o meio ambiente e a alegria e nas diferentes atividades que destacam a linguagem corporal em momentos de lazer das juventudes, que também são importantes para pensar na qualidade de vida das novas gerações. As referidas problematizações ainda





apontaram os preconceitos religiosos cada vez mais presentes nas escolas quando práticas corporais que se afastam da cultura branca são tematizadas e a dificuldade de pensar nessas manifestações culturais com um olhar descolonizado e crítico, por conta da força midiática e das redes sociais que, cada dia mais, alienam os(as) educandos(as) com discursos ingênuos e repletos de narrativas discriminatórias.

Após a leitura dos projetos educativos desenvolvidos nas aulas de Educação Física Escolar com base na perspectiva crítico-libertadora do componente curricular, se faz importante destacar que essas experiências potencializaram a tematização e problematização das práticas corporais levando em consideração diferentes linguagens produzidas pela humanidade, tais como: vídeos, documentários, reportagens jornalísticas, artigos científicos, visitas a museus, livros infantis, figurinhas, poemas, poesias, músicas, conversa com convidados(as), análise de situações-problema e a vivência da gestualidade de danças, lutas, ginásticas, esportes, jogos e brincadeiras. Nesse cenário, Freire (1989) aponta que linguagem e realidade se prendem dinamicamente, assim, a leitura crítica implica a percepção das relações entre o as problematizações realizadas e o contexto educativo. Portanto, ao ler as manifestações da cultura corporal de diferentes formas, os(as) estudantes também escrevem e reescrevem o mundo, pronunciando-se de forma cada vez mais consciente, seja por meio da palavra ou da linguagem corporal, até porque que, em muitas atividades de ensino, esses saberes são produzidos pelos(as) próprios(as) educandos(as) após um processo rigoroso de investigação e reflexões sobre as marcas existentes nos corpos dos grupos oprimidos.

Diferente de outras perspectivas curriculares críticas, a Educação Física libertadora possui como função primordial construir uma pedagogia do(a) oprimido(a) e não para ele(a), levando em consideração as experiências dos(as) estudantes e as vivências de resistência e transgressão produzidas no território da escola relacionadas com as práticas corporais. Para Freire (1989, p. 34) “não se trata propriamente de entregar ou de transferir às massas populares a explicação rigorosa ou mais rigorosa dos fatos como algo acabado, paralisado, pronto, mas contar, estimulando e desafiando, com a capacidade de fazer, de pensar, de saber e de criar das massas populares”. Talvez, nesse processo contínuo de construir práticas político-pedagógicas libertadoras, ter a paciência histórica e a consciência que a transformação da realidade se faz junto, com diferentes linguagens, seja o maior desafio dos(as) educadores(as) que se inspiram no pensamento freireano em suas ações cotidianas no ambiente escolar.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva crítico-libertadora da Educação Física ganha cada vez mais evidência na literatura científica e na prática político-pedagógica sistematizada pelos(as) docentes no cotidiano escolar. Todavia, análises e reflexões sobre a relação entre a educação libertadora e o campo das linguagens ainda apresenta uma lacuna importante para a área.

Esse ensaio não tem a pretensão de resolver todas as dúvidas sobre esse fenômeno, mas aponta como principal contribuição que as aulas de Educação Física, inspiradas nas premissas libertadoras do pensamento freireano, podem potencializar diferentes linguagens humanas sobre as práticas corporais produzidas como forma de resistência, evidenciando e valorizando os saberes dos grupos oprimidos e marginalizados pela realidade material opressora no sistema capitalista.

Outro ponto relevante de ser mencionado é que a gestualidade humana também é uma linguagem que pode ser experienciada e analisada de forma crítica e transgressora, desde que as marcas do corpo oprimido, que é corpo consciente, sejam lidas, problematizadas, reinterpretadas e transformadas nos projetos de ensino sistematizados pelos(as) docentes do componente curricular que atuam na Educação Básica.

Ainda se faz importante destacar que a educação dialógica, crítica, politizada e problematizadora proposta por Paulo Freire possibilita que cada educador(a), a partir do seu contexto, construa coletivamente com os(as) educandos(as) e toda a comunidade escolar, uma prática político-pedagógica que potencialize os saberes existenciais daquele grupo, reconheça as experiências produzidas no território, organize as atividades de ensino de forma autônoma e busque a superação das situações-limite, humanizando todos os sujeitos. Entretanto, cabe ressaltar que essa experiência só poderá ser concretizada a partir de um forte processo de resistência contra as políticas educativas neoliberais, que querem padronizar e uniformizar todas as vivências escolares.

Enfim, a Educação Física libertadora destaca como inédito-viável a intelectualidade de docentes e estudantes no processo educativo, valorizando manifestações da cultura corporal marginalizadas, vivências corporais contra hegemônicas, linguagens periféricas e produção e circulação de saberes que podem transformar a estrutura neoliberal existente nesse período histórico.





REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Felipe Quintão. Organismo, corpo e linguagem na “educación corporal”: “una mirada” crítica. **Conexões**, v. 19, p. 1-19, 2021.
- BENVENUTTI, Dilva Bertoldi; PAULO, Fernanda dos Santos. Currículo e avaliação da aprendizagem no projeto Escola Cidadã. **Revista contexto & educação**, v. 39, n. 121, p. 1-15, 2024.
- BETTI, Mauro. As três semióticas da educação física como linguagem. **Conexões**, v. 19, p. 1-21, 2021.
- BOSSLE, Fabiano. Atualidade e relevância da educação libertadora de Paulo Freire na educação física escolar em tempos de “Educação S/A”. In: SOUSA, Cláudio Aparecido; NOGUEIRA, Valdilene Aline; MALDONADO, Daniel Teixeira (Orgs.). **Educação física escolar e Paulo Freire: ações e reflexões em tempos de chumbo**. Curitiba, PR: CRV, 2019.
- BOSSLE, Fabiano. A história como tempo de possibilidades...In: SILVA, Maria Eleni Henrique; MARTINS, Raphael Moreira (Orgs.). **Pressupostos freireanos na educação física escolar: ações e movimentos para transformação**. Curitiba, PR: CRV, 2020.
- BOSSLE, Fabiano. Carta-utopia: palavras para uma teoria pedagógica da educação física escolar crítico-libertadora. In: MEIRELES, Bruno Freitas *et al.* (Orgs.). **Freireando há 100 anos: o encontro com a educação física escolar**. Curitiba: CRV, 2021.
- BOSSLE, Fabiano. Algumas notas para a constituição de uma teoria pedagógica crítico-libertadora da educação física escolar: corpo do oprimido/corpo consciente/onto-episteme. In: BOSSLE, Fabiano; PRODÓCIMO, Elaine; MALDONADO, Daniel Teixeira (Orgs.). **Diálogos da educação libertadora de Paulo Freire com a educação física escolar**. Florianópolis, SC: Tribo da Ilha, 2023.
- CÁSSIO, Fernando. Gestão para resultados na escola pública. In: CORTI, Ana Paula; CÁSSIO, Fernando; STOCO, Sergio (Orgs.). **Escola pública: práticas e pesquisas em educação**. Santo André, SP: UFABC, 2023.
- COELHO, Márcio Cardoso; MALDONADO, Daniel Teixeira; BOSSLE, Fabiano. Batuque é um privilégio, ninguém aprende samba no colégio: epifanias autoetnográficas da invisibilização do corpo negro e da negritude na BNCC da educação física. **Dialogia**, n. 49, p. 1-14, 2024.
- CORREIA, Mesaque Silva; OLIVEIRA, Marcos Renan Freitas; BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. O círculo de cultura freiriano como estratégia de produção do conhecimento para a formação de corpos conscientes nas aulas de educação física em uma escola da Amazonia paraense. **Olhares & trilhas**, v. 27, n. 2, p. 1-24, 2025.
- FARIAS, Uirá de Siqueira; MALDONADO, Daniel Teixeira; RODRIGUES, Graciele Massoli. Educação física, linguagem e educação infantil: uma aproximação com Paulo Freire. **Inter-ação**, v. 46, n. ed. especial, p. 1102-1113, 2021.





FARIAS, Uirá de Siqueira *et al.* Educação física escolar na área de linguagens: diálogos com a educação infantil. **Metalinguagens**, v. 6, n. 2, p. 49-66, 2020.

FARIAS, Uirá de Siqueira *et al.* Tematizando brincadeiras da cultura indígena “com” a educação infantil: uma leitura a partir das aulas de educação física escolar. *In: MALDONADO, Daniel Teixeira; FARIAS, Uirá de Siqueira; NOGUEIRA, Valdilene Aline (Orgs.). Linguagens na educação física escolar: diferentes formas de ler o mundo.* Curitiba, PR: CRV, 2021.

FERREIRA, Fabiana Ramos *et al.* Lutas e pronúncias dos/as educandos: um exercício admirativo. **Temas em educação física escolar**, v. 8, n. 1, p. 1-18, 2023.

FRANÇOSO, Saulo; NEIRA, Marcos Garcia. Contribuições do legado freireano para o ensino da educação física. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 36, n. 2, p. 531-546, 2014.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. **Direitos humanos e educação libertadora: gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo.** Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade.** 48. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura de mundo, leitura da palavra.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FURTADO, Renan Santos. Contribuições de Paulo Freire para a educação física escolar. **Revista de educação popular**, v. 22, n. 1, p. 150-170, 2023.

GADOTTI, Moacir. Retomar o sonho interrompido para esperar e educar em tempos de barbárie. *In: VASCONCELOS, Joana Salém; MENDES, Maíra Tavares; MUSSI, Daniela (Orgs.). Paulo Freire e educação popular: esperar em tempos de barbárie.* São Paulo: Elefante, 2023.

GOULART, Débora Cristina. Avaliações externas: quem avalia quem? *In: CORTI, Ana Paula; CÁSSIO, Fernando; STOCO, Sergio (Orgs.). Escola pública: práticas e pesquisas em educação.* Santo André, SP: UFABC, 2023.





HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner. **Textos pedagógicos sobre o ensino da educação física**. Ijuí, RS: Unijuí, 2001.

JUCÁ, Luan Gonçalves; MALDONADO, Daniel Teixeira. Marcadores socioculturais, interseccionalidade e Educação física escolar: premissas de um currículo crítico-libertador no ensino médio integrado dos Institutos Federais. **Revista diversidade e educação**, v. 12, n. 2, p. 812-837, 2024.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí, RS: Unijuí, 1994.

MALDONADO, Daniel Teixeira. Educação física antirracista no ensino médio integrado: diálogos com o currículo crítico-libertador. **Temas em educação física escolar**, v. 8, p. 1-27, 2023.

MALDONADO, Daniel Teixeira. Educação física escolar, pensamento freireano e pedagogia crítico-libertadora. **Revista de educação popular**, v. 23, p. 38-59, 2024a.

MALDONADO, Daniel Teixeira. Currículo crítico-libertador da educação física: saúde, lazer e trabalho como princípio educativo no ensino médio integrado. *In*: MALDONADO, Daniel Teixeira; MARTINS, Raphaell Moreira (Orgs.). **Educação física na educação profissional de nível médio nos Institutos Federais**: diálogos propositivos entre pesquisa, ensino e extensão. Florianópolis, SC: Tribo da Ilha, 2024b.

MALDONADO, Daniel Teixeira. Tematização dos esportes na educação física escolar em uma perspectiva inclusiva, politizada e libertadora. *In*: FONSECA, Michele Pereira de Souza; SILVA, Samara Oliveira; SANTOS, Maria Luiza Mendes (Orgs.). **Possibilidades de diversificação de conteúdos na perspectiva inclusiva**: um diálogo com os marcadores sociais da diferença na educação física escolar. Araucária, PR: Sorian, 2025a.

MALDONADO, Daniel Teixeira. Ginástica para todos no ensino médio integrado: uma experiência produzida à luz da perspectiva crítico-libertadora da Educação Física. *In*: SILVA, Maria Eleni Silva; MARTINS, Raphaell Moreira (Orgs.). **Pedagogia freireana na Educação Física**: enunciações para a ação crítico-libertadora. Curitiba, PR: CRV, 2025b.

MALDONADO, Daniel Teixeira; FARIAS, Uirá de Siqueira; NOGUEIRA, Valdilene Aline. Lendo o mundo nas aulas de educação física no ensino médio: por uma ecologia de saberes contra-hegemônicos sobre as práticas corporais e o corpo. **Caderno de educação física e esporte**, v. 19, n. 3, p. 183-190, 2021a.

MALDONADO, Daniel Teixeira; FARIAS, Uirá de Siqueira; NOGUEIRA, Valdilene Aline. Educação Física e linguagem: por uma ecologia de saberes das práticas corporais na educação básica. *In*: MALDONADO, Daniel Teixeira; FARIAS, Uirá de Siqueira; NOGUEIRA, Valdilene Aline (Orgs.). **Linguagens na educação física escolar**: diferentes formas de ler o mundo. Curitiba, PR: CRV, 2021b.

MALDONADO, Daniel Teixeira; PRODÓCIMO, Elaine. Por uma epistemologia crítico-libertadora da educação física escolar. **Revista brasileira de educação física escolar**, ano VII, v. 3, p. 6-23, 2022.

MALDONADO, Daniel Teixeira; RODRIGUES, Pedro Oliveira. Educação física no ensino médio na área de linguagens: experiência político-pedagógica com a produção de crônicas. **Cadernos de formação RBCE**, v. 12, n. 1, p. 75-86, 2021.





MALDONADO, Daniel Teixeira *et al.* Tematização dos jogos e brincadeiras nas aulas de educação física no ensino médio: experiências educativas em uma perspectiva intercultural e antirracista. **Corpoconsciência**, v. 25, n. 1, p. 39-63, 2021.

MEDINA, João Paulo Subirá. **Educação física cuida do corpo e “mente”**. Campinas, SP: Papyrus, 1983.

MOLL, Jacqueline; SILVA, Edna Alves Pereira; AGLIARDI, Ilda Renata da Silva. 40 anos dos Centros integrados de educação pública: contribuições para a formação integral na contemporaneidade. **Memória e informação**, v. 8, n. 1, p. 51-65, 2024.

MONTEIRO, Alessandra Andrea. O legado freiriano para uma Educação Física escolar contra-hegemônica. **Quaestio**, v. 22, n. 3, p. 669-682, 2020.

MOREIRA, Vinicius dos Santos; SIQUEIRA; Thales Rodrigo; MARQUES, Bruna Gabriela. O grito dos excluídos: tematização do hip hop nas aulas de educação física escolar. *In*: FREIRE, Elisabete dos Santos *et al.* (Orgs.). **Saberes de professores e professoras de educação física: docência, pesquisa e o currículo em ação**. Curitiba, PR: CRV, 2022.

NEIRA, Marcos Garcia. Incoerências e inconsistências da BNCC da educação física. **Revista brasileira de ciências do esporte**. v. 40, n. 3, p. 215-223, 2018.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. Currículo cultural, linguagem, códigos e representação: uma proposta para a produção de outras formas de fazer, ver e dizer a respeito de si, das práticas corporais e seus praticantes. *In*: MALDONADO, Daniel Teixeira; FARIAS, Uirá de Siqueira; NOGUEIRA, Valdilene Aline. (Orgs.). **Linguagens na educação física escolar: diferentes formas de ler o mundo**. Curitiba, PR: CRV, 2021.

NOGUEIRA, Valdilene Aline. Nosso inédito viável: compartilhando sonhos coletivos nas aulas de educação física. *In*: MEIRELES, Bruno *et al.* **Freireando há 100 anos: o encontro com a educação física escolar**. Curitiba, PR: CRV, 2021.

NOGUEIRA, Valdilene Aline; MALDONADO, Daniel Teixeira; FREIRE, Elisabete dos Santos. A construção coletiva de princípios epistemológicos, políticos e pedagógicos da educação física escolar libertadora. **Revista de educação popular**, v. 22, p. 296-319, 2023.

NOGUEIRA, Valdilene Aline *et al.* A influência do pensamento freireano na educação física escolar: perspectivas contra-hegemônicas de pesquisa e ensino. **Revista de educação popular**, MG, v. 20, n. 3, p. 142-163, 2021.

NOVAES, Renato Cavalcanti. Educação física escolar S.A.: mudanças e subjetividades na norma corporativa. **Educação e sociedade**. v. 42, p. 1-19, 2021.

PRODÓCIMO, Elaine. Educação física escolar e pedagogia freireana como ato político. *In*: FREIRE, Elisabete dos Santos *et al.* (Orgs.). **Saberes de professoras e professores de educação física: docência, pesquisa e o currículo em ação**. Curitiba, SP: CRV, 2022.





PRODÓCIMO, Elaine; SPOLAOR, Gabriel da Costa; LEITÃO, Arnaldo Sifuentes Pinheiro. **Nas dobras do mundo: linguagem e educação física em diálogo com Paulo Freire.** In: MALDONADO, Daniel Teixeira; FARIAS, Uirá de Siqueira; NOGUEIRA, Valdilene Aline (Orgs.). **Linguagens na educação física escolar: diferentes formas de ler o mundo.** Curitiba: CRV, 2021. p 41-54.

PRODÓCIMO, Elaine; SPOLAOR, Gabriel da Costa; LEITÃO, Arnaldo Sifuentes Pinheiro. Inédito-viável como ação política em educação...educação física. In: LEITÃO, Arnaldo Sifuentes; PEREIRA, Mateus Camargo. (Orgs.). **Educações físicas: temas emergentes para mundos (im)possíveis.** Curitiba, PR: CRV, 2022.

SARTI, Renato *et al.* Pisar devagarinho e ter muito o que contar: ad-mirando a perspectiva crítico-dialógica em educação física. In: BOSSLE, Fabiano; PRODÓCIMO, Elaine; MALDONADO, Daniel Teixeira (Orgs.). **As experiências da teoria crítico-libertadora com a educação física escolar.** Florianópolis, SC: Tribo da Ilha, 2024.

SAVIANI, Demerval. A defesa da escola pública no Brasil: difícil, mas necessária. In: KRAWCZYK, Nora (Org.). **Escola pública: tempos difíceis, mas não impossíveis.** Campinas, SP: FE/UNICAMP; Uberlândia, MG: Navegando, 2018.

SILVA, Antonio Jansen Fernandes. **Tematizando o esporte à luz da pedagogia freireana nas aulas de educação física escolar.** 2025. 265f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2025.

SILVA, Emerson Santos; MALDONADO, Daniel Teixeira. Educação física “com” a educação infantil: análise de uma experiência político-pedagógica inspirada no currículo crítico-libertador. **Temas em educação física escolar**, v. 9, p. 1-27, 2024.

SILVA, Emerson Santos; MORAES, Marcos Aurélio Guidetti; MALDONADO, Daniel Teixeira. Tematização dos esportes à luz do currículo crítico-libertador da educação física no ensino fundamental. **Revista brasileira de educação física escolar**, ano XI, v. 1, p. 18-28, 2025.

VALADARES, Juarez Melgaço. A fundação da escola plural. **Cadernos de pesquisa**. v. 46, n. 162, p. 1072-1098, 2016.

Daniel Teixeira Maldonado

<https://orcid.org/0000-0002-0420-6490>

<http://lattes.cnpq.br/5911977104843227>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (São Paulo, SP – Brasil)

danielmaldonado@yahoo.com.br





CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Autor 1: concepção e desenho da pesquisa; construção e processamento dos dados; análise e interpretação dos dados; escrita conjunta do texto.

FINANCIAMENTO

Não houve financiamento.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Todos os dados foram gerados/analísados no presente artigo. Dados adicionais estão disponíveis no material suplementar ou mediante solicitação aos autores.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSES

O autor do estudo declara não haver conflito de interesses.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

MALDONADO, Daniel Teixeira. Perspectiva crítico-libertadora da educação física: ler o mundo a partir de diferentes linguagens. **Corpoconsciência**, v. 30, e20884, p. 1-21, 2026. <https://doi.org/10.51283/rc.30.e20884>.

Recebido em: 21/01/2026

Aprovado em: 21/03/2026

Publicado em: 06/04/2026

